

## Distensão e duração em *Le Temps retrouvé* de Proust

Profa. Dra. Deise Quintiliano Pereira<sup>1</sup> (UERJ)

*Et comme un aviateur qui a jusque là  
péniblement roulé à terre, "décollant" brusquement,  
je m'élevais lentement vers les hauteurs silencieuses  
du souvenir. (Marcel Proust)*

### **Resumo:**

*Proponho, nesse trabalho, uma leitura de alguns episódios de *Le Temps retrouvé*, de Marcel Proust, à luz da noção bergsoniana da durée e da concepção relativística de Albert Einstein. Discuto a dicotomia “tempo perdido” / “tempo reencontrado”, a partir dos efeitos que os eventos externos imprimem na memória do narrador da Recherche, ora condensando, ora estendendo a percepção do tempo.*

**Palavras-chave:** Proust, Bergson, Einstein, Tempo, Memória.

Ao abordarmos a relação com o tempo disseminada no conjunto de escritos proustianos, quatro matrizes fundamentais, e até certo ponto canônicas, podem interagir, instando à promoção de um debate instigante: a perspectiva heideggeriana, bergsoniana, deleuziana e einsteiniana sobre o tema.

De modo sucinto, a crítica fundamental que Heidegger lança contra a concepção bergsoniana de tempo, notadamente exposta no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, diz respeito a uma possível redução da história da ontologia, na tentativa de alcançar “um conceito mais originário do tempo, pela elaboração da duração pura”. Contudo, ao penetrar nas sendas dos *corpora* bergsonianos, Heidegger identificaria, em *Matéria e memória*, a via de acesso capaz de alavancar sua obsessiva busca ontológica, visando à ultrapassagem da pura analítica existencial.

O essencial em Bergson não se acha de forma alguma nesta via; o que é precioso e do que nós lhe somos tributários está consignado em *Matéria e memória*. Fundamento para o desenvolvimento da biologia moderna, ele contém duas visões, que até então não haviam sido esgotadas (HEIDEGGER, 1978. p. 251).

Não menos importantes são as iluminadoras considerações de Deleuze sobre o tempo bergsoniano, balizadas pela crítica da percepção que se dividiria em dois eixos: o da “percepção pura”, espontânea, espiritual, mental, e o da “percepção acompanhada de memória” – tal qual ela se apresenta, de fato, para o homem. Esse entendimento da “memória” lhe possibilitaria desdobrar a compreensão empírica desse objeto de análise. Haveria a “memória hábito”, que se apresenta “como um acontecimento de minha vida; [que] contém, por essência, uma data, e não pode conseqüentemente repetir-se” (BERGSON, 1990. p.61) e a “memória pura”, espontânea, anti-fisiológica, autônoma.

Entre ambas existe nitidamente uma distinção de natureza e não apenas de grau ou intensidade. Para Bergson, a “memória espontânea”, totalmente independente do cérebro, é uma representação e a “memória hábito” uma ação. Nesse ponto exato da leitura bergsoniana, a “memória espontânea” parece evocar a memória involuntária de Proust. Todavia, esse fenômeno misto, no qual a memorização é acionada e o acaso despotencializado, não corresponde

absolutamente à memória involuntária de Proust, segundo Maluh Guimarães, (GUIMARÃES, 2001. p. 153) ainda que ela reconheça, a seguir, que a experiência voluntária da memória é o ponto de encontro entre as concepções bergsoniana e proustiana das duas memórias.

Para evocar o passado em forma de imagens é preciso:

Poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo. Também o passado a que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para adiante nos leva a agir e a viver. (BERGSON, 1990. p. 63-4).

Por essa razão, na evocação voluntária de uma lembrança, vários planos mentais devem ser sucessivamente ultrapassados, com vistas a se atingir a reminiscência-alvo e vivificá-la, isto é, trazê-la novamente à vida. Trata-se de recuperar uma lembrança, de evocar um período de nossa história.

Em entrevista concedida a Elie-Joseph Bois, publicada em 1913, às vésperas do lançamento do primeiro volume da *Recherche*, Proust afirmaria: "minha obra é dominada pela distinção entre a memória involuntária e a memória voluntária, distinção que não somente não aparece na filosofia de Bergson, chegando mesmo a ser contradita por ela" (MEGAY, 1976. p. 17).

A resistência proustiana em aceitar o *apport* das teorias bergsonianas sobre a memória, contudo, vacila, à medida que é possível vislumbrarmos uma positividade inerente à memória voluntária, por sua capacidade de dar contornos nítidos e mais precisos às reminiscências involuntárias, sepultadas no fundo imemorial das recordações. A seguinte passagem de *O tempo redescoberto* desnuda a compreensão proustiana de memória voluntária:

Certamente podem-se prolongar os espetáculos da memória voluntária, que não demandam esforço maior do que o de folhear um livro de figuras. Assim como outrora [...] do pátio ensolarado de nossa casa de Paris eu contemplava preguiçosamente, à minha escolha, ora a praça da igreja em Combray, ora a praia de Balbec, como teria enchido de paisagens a claridade reinante folheando um caderno de aquarelas feitas nos diversos lugares onde estivera e, com prazer egoísta de colecionador, dissera a mim mesmo: Afinal, vi muita coisa bela em minha vida. (PROUST, s/d. p. 154).

Sem sombra dúvida, é a memória involuntária ou afetiva que constitui a pedra de toque da complexa arquitetura espaço-temporal engendrada pelo romancista francês. Ela é uma espécie de aparição, resultado de uma emoção, de uma sensação visual, auditiva, olfativa ou gustativa, capaz de ampliar um momento determinado no passado para criar uma obra apoiada em recordações residuais pulverizadas sob estratos de acumulação de fatos cotidianos. Inúmeras passagens basilares o comprovam, das quais destacamos duas especiais: o célebre episódio da Madeleine, – de fato, toda a grande *Recherche* constitui tão somente alguns instantes cronológicos mensurados pelo relógio do narrador Marcel e evocados pela experiência da Madeleine mergulhada no chá, de maneira imprevisível mas precisa, despertando sensações análogas às que ele sentira no passado, na casa da tia Léonie, em *No caminho de Swann* – e o último episódio da *Recherche*, *O tempo redescoberto*, com os quais Proust anuncia a abertura e o encerramento de seu trabalho de Penélope da reminiscência, para empregar a palavra de Benjamin:

Ora, naquele momento um segundo aviso veio reforçar o que me havia dado a pavimentação irregular [...] **Com feito, um copeiro acabava de bater com uma colher num prato. Invadiu-me um bem-estar do mesmo gênero do causado pelas pedras irregulares;** às sensações também ainda frescas, mas muito diversas,

misturava-se agora um cheiro de fumaça, abrandado pelos eflúvios de uma paisagem silvestre; e reconheci o mesmo renque de árvores em frente ao qual [...] acreditei por um instante, numa espécie de vertigem, ainda estar, tanto o ruído idêntico da colher esbarrando no prato me dera a ilusão do martelo de um empregado que consertara alguma coisa numa roda do trem quando paramos na orla da pequena mata. (PROUST, s/d. p. 150).

Retornando às diferenças e similitudes das teorias sustentadas por Bergson e Proust, cumpre observar que a experiência vivida com júbilo pelo narrador da *Recherche*, ligando simultaneamente passado e presente, pela atualização de um momento idêntico, "mas que um rumor, um odor, já ouvido ou respirado no passado, o seja novamente, no presente e no passado, reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos, logo a essência permanente e habitualmente escondida das coisas libera-se e nosso verdadeiro eu, que às vezes parecia morto, anima-se ao receber o alimento celeste que lhe é oferecido" (PROUST, s/d. p. 170) é categoricamente refutada pela filosofia bergsoniana que não concebe a possibilidade de "se viverem ao mesmo tempo dos instantes destacados da duração concreta, como também de se repetir uma experiência profunda" (MEGAY, 1976. p. 108). Para Bergson, a que se repete é a memória-hábito, sensório-motora. A memória espontânea, por seu turno, jamis duplica uma percepção ou vivência, pois a duração, enquanto mobilidade ininterrupta, inviabiliza a produção de dois momentos idênticos, no âmbito das experiências vividas.

Essa representa sem dúvida a grande aporia para a qual convergem as teorias do escritor e do filósofo. Apesar de o "bergsonismo" ser constantemente evocado em inúmeros estudos dedicados à relação da memória proustiana, a insuperável distinção entre o tempo psicológico de Proust, constituído por instantes descontínuos, cindidos e fragmentados e a noção da "durée" bergsoniana – fluxo contínuo, escoamento ininterrupto da consciência humana – estariam em processo de divórcio litigioso. Corroborar esse fato a sua *Introdução à metafísica*, onde a *durée* é compreendida como autêntica duração, melodia indivisível, não mantendo nenhuma relação com o espaço.

Em *Matéria e memória*, Bergson radicalizaria essa posição ao afirmar que a duração pura exclui, por conseguinte, a possibilidade da justaposição, da superposição e sobretudo da repetição: "a indivisibilidade do movimento implica a impossibilidade do instante" (BERGSON, 1990. p. 156). Em contrapartida, em *O espaço proustiano*, Georges Poulet assinala que a busca do tempo perdido é solidária e contemporânea da busca do espaço perdido. Na conclusão da *Recherche*, a redescoberta do tempo e do espaço compõe o tempo espacializado, uma dimensão outra que o romancista privilegia:

Vocês sabem que há uma geometria plana e uma geometria no espaço. Pois bem, **para mim o romance não é apenas psicologia plana, mas psicologia no tempo.** Essa substância invisível do tempo, tentei isolá-la, mas para fazê-lo seria necessário que a experiência pudesse durar. [...] como uma cidade que, enquanto o trem segue sua via em contornos, aparece-nos ora à direita, ora à esquerda, os diversos aspectos que um mesmo personagem assume aos olhos de um outro – até o ponto em que ele terá se transformado em personagens sucessivos e diferentes, dando, mas apenas por isso – a sensação de tempo decorrido (MEGAY, 1976. p. 16).

Como nos lembra Guimarães: "a fragmentação que para Bergson não é mais do que uma elaboração secundária, Proust a compreende como a realidade primordial entrevista através do envelope superficial inteiro das coisas" (GUIMARÃES, 2001. p. 168). Graças a esse seccionamento da cortina nebulosa do passado, as recordações da infância em Combray erigem-se na constituição amorfa, retidas nas pupilas do menino narrador:

E por certo, quando eram longamente contemplados por aquele humilde passante, aquele menino pensativo [...] aquele recanto da natureza, aquele trecho de jardim jamais poderiam pensar que graças a ele é que seriam chamados a sobreviver em

suas particularidades mais efêmeras; e, no entanto, aquele perfume de pilriteiro que vagueia ao longo da sebe onde em breve o substituirão as roseiras bravas, um rumor de passos sem eco na areia de uma alameda, uma bolha formada contra uma planta aquática pela água do rio e que logo rebenta, minha imaginação os carregou e os fez atravessar tantos anos sucessivos, ao passo que em torno desapareceram os caminhos e estão mortos aqueles que os pisaram, e a lembrança daqueles que os pisaram. Às vezes, aquele trecho de paisagem assim trazido até o dia de hoje se destaca tão isolada de tudo o que flutua incerto em meu pensamento como uma Delos florida, sem que eu possa dizer de que país, de que tempo. Talvez simplesmente de que sonho me vem (PROUST, 1948. p. 157/8).

Como afirma Mário Bruno, reinterpretando Deleuze: "a duração se diferencia em duas direções, e uma delas é a matéria. Por outro lado, o espaço se decompõe em matéria e duração. A duração se diferencia em contração e distensão, que é o princípio da matéria" (BRUNO in LECERF, 2007. p. 80).

Sem querer dar conta da complexidade de tais reflexões teóricas, mas desejando aprofundar ainda mais o debate, resta-nos chamar o síndico. É Einstein quem lança novas hipóteses esclarecedoras sobre as sensações do tempo em que o narrador sentia uma felicidade, de Balbec a Combray, da Madeleine a Veneza. Aquelas sensações eram simultaneamente experimentadas no momento atual e num momento longínquo, numa vertiginosa condensação que tornava impossível discriminar em qual dos dois instantes se situava: "Na verdade, o ser que em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extra temporal, repartido entre o dia antigo e o atual, era um ser que só surgia quando, por uma dessas identificações entre o passado e o presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo". (PROUST, s/d. p. 152).

Também para o físico alemão, não há dicotomia entre passado e presente, posto que o tempo é indissociável do espaço, existindo na sempiternidade da simultaneidade. Não há prospecção nem tão pouco retrospecção:

Agora, se estamos certos de algo, é de que **o passado está totalmente determinado**. O que quer que tenha acontecido, aconteceu – não há aleatoriedade nisso. Mas se todos os eventos devem ser tratados em pé de igualdade, precisamos estender essa ontológica certeza também ao presente e ao futuro. Se tempo é uma ilusão, uma mera perspectiva humana, a perspectiva de uma mentalidade limitada diante da vastidão do “presente eterno”, então, de certo modo, **o presente e o futuro já aconteceram, exatamente como passado** (MALIN, 2003. p.23).

Trata-se aqui do princípio intitulado “relatividade da simultaneidade”, segundo o qual todos os eventos são reais e o tempo uma mistificação: “Einstein atribui realidade a todos os eventos no espaço-tempo. Não importa se passados, presentes ou futuros, do ponto de vista de observadores específicos, todos os eventos estão no mesmo pé: são todos reais. A aparente irrealidade do passado e do futuro é meramente o resultado da forma pela qual nossas mentes *processam* impressões” (MALIN, 2003. p. 23). Por isso, a memória não resgata o que foi, apenas reatualiza o que sempre será. A grande contribuição de Einstein para essa discussão baseia-se no fato de o físico genial ter percebido cientificamente que o tempo decorre de maneira diferenciada para observadores diferentes, o que faz das exposições sustentadas pela relatividade einsteiniana uma provocação ao humano.

A relatividade geral e especial despedaçaram a universalidade e a unicidade do tempo. Ambas as teorias mostram que cada um de nós detém um pedaço do velho tempo universal de Newton e o carrega consigo. Ele se torna o nosso próprio relógio, o nosso próprio guia, que nos leva de um momento ao seguinte. Ficamos chocados com as teorias da relatividade, com o universo tal como ele é, porque o nosso relógio pessoal parece marcar o tempo de maneira uniforme e consoante

com o nosso senso intuitivo do tempo, mas se ele for comparado aos outros relógios aparecerão as diferenças. O tempo para você pode não ser o mesmo para mim (GREENE, 2005. p.156).

Os momentos simplesmente existem, como matéria-prima do tempo. Eles não mudam, não evoluem, não se transformam. A intelecção do conceito einsteiniano de tempo abarca a formulação da idéia de interdependência do espaço e do tempo ou da “quadrimensionalidade do universo”, sinalizando que entre dois eventos simultâneos não existe uma relação espacial absoluta ou uma relação temporal absoluta. Todos os eventos estão lá, sempre lá, condensados, emaranhados, em suspensão temporal. Todos os momentos são iluminados e permanecem iluminados, pois o tempo-espaço jamais flui. A leitura de Proust converge para essa posição, se considerarmos, a exemplo de Blanchot, que:

Por essa simultaneidade que promoveu a passagem de Veneza e a passagem de Guermantes, o então do passado e o agora do presente, como duas presentificações convidadas a se sobreporem, por essa conjunção desses dois presentes que abolem o tempo, Proust fez também a experiência incomparável, única do êxtase do tempo. Viver a abolição do tempo, viver esse momento rápido como um raio, pelo qual dois instantes, infinitamente separados, vêm ao encontro um do outro, é percorrer toda a realidade do tempo, provando o tempo como espaço e lugar vazio. Tempo puro, sem acontecimentos, vacância movente, distância agitada, espaço interior em devir no qual êxtases do tempo dispõem-se em uma simultaneidade fascinante, o que significa tudo isso? O próprio tempo da narrativa, o tempo que não está fora do tempo, mas que se apresenta como exterioridade, sob a forma de um espaço, esse espaço imaginário no qual a arte encontra e dispõe seus recursos (BLANCHOT, 1959. p.23).

Em *Duração e simultaneidade*, por sua vez, Bergson sustenta que há apenas uma modalidade temporal – o tempo percebido – e a interpretação que ele faz do tempo virtual de Einstein termina por implicar a inexistência de tempo virtual, por dizimá-la. Como poderia, então, Bergson ser o filósofo que inocula a semente do tempo virtual? Indaga Marcio Barreto (p.3). A resposta está talvez presente no “bergsonismo” de Deleuze que, ao invés de considerar a *durée* bergsoniana como um tempo único, vislumbra esse tempo como um conjunto que pode ser virtual. Nesse ponto específico, ocorre o desarmônico encontro das águas: da pororoca da intuição bergsoniana e do tsunami da relatividade einsteiniana. Por isso Bergson acusa Einstein “de ter confundido a multiplicidade espacial atual e a multiplicidade virtual temporal e, assim, prolongado a confusão do tempo e do espaço” (DELEUZE, 1999. p. 63).

Outro elemento impeditivo à aproximação de ambas as teorias fundamenta-se no sentimento de frustração decorrente do esfacelamento das teorias newtonianas do tempo. Ao formalizar a relatividade especial, Einstein reconhece a dificuldade de ruptura para com um entendimento tão empírico da questão, posto que sua proposta diverge, categoricamente, da que se encontra entranhada nas profundezas de nossas mais rígidas convicções: “Einstein disse que o problema do agora o preocupava seriamente. Explicou que a experiência do agora significa algo especial para os homens, algo essencialmente diferente do passado e do futuro, mas que essa importante diferenciação não pode ocorrer na física. O fato de que essa experiência não possa ser assimilada pela ciência provoca nele uma penosa e inevitável sensação de resignação” (GREENE, 2005. p.171).

Nessa direção de análise, convidando mais uma vez Proust ao debate, percebe-se que “elegendo o instante isolado [o escritor] não dá as costas à duração, mas sobretudo estabelece a possibilidade de repetição e de interpolação, artérias mestras da *Recherche*” (GUIMARÃES, 2001. p. 165). O objetivo de Proust, na *Recherche*, é isolar a substância invisível do tempo, como um

telescópio apontado para o tempo, para fazê-lo revelar-se, como o próprio escritor afirma, em carta enviada a Camille Vettard:

O que eu queria que vissem no meu livro é que ele é nasce completamente da aplicação de um sentido especial que é bem difícil descrever. A imagem (muito imperfeita) que me parece a melhor para fazer compreender o que é sentido especial parece ser a de um telescópio que seria dirigido para o tempo, pois o telescópio faz aparecer estrelas invisíveis a olho nu e eu me ocupei em fazer aparecer à consciência fenômenos inconscientes que, completamente esquecidos, situam-se muitas vezes muito longe no passado (MEGAY, 1976. p. 24).

Esse procedimento equivale em Bergson à imobilização do tempo, à sua escansão, deixando de apreendê-lo enquanto duração real. Isso se explica pelo fato de a consciência, para o filósofo, não ser concebida como a ancoragem de um eixo pessoal. O que temos são extratos de consciência, redes de memória, fragmentos de subjetividade, partículas do tempo que, como jorro de lembranças, representam imagens em fluxo contínuo. Para Proust, as imagens são retiradas do escoamento (fluir) do tempo, distribuídas em frações regulares na imaginária linha temporal "de modo que elas não se encontram mergulhadas sem apoio, amorfas ou informes, no fluxo da duração bergsoniana, mas adquirem o contorno nítido de um determinado instante temporal e de uma específica situação espacial, que se imbricam na espaço-temporalização da lembrança" (GUIMARÃES, 2001. p. 166).

Destarte, a espacialização proustiana do tempo – chave para a conversão do tempo perdido em tempo redescoberto – é o oposto da pura mobilidade da *durée* bergsoniana, que, estritamente indivisível, jamais pode expressar-se em termos espaciais. Como em *Seis personagens à procura de um autor*, em Proust, é o passado que parte à procura de seu escritor perdido, de sua existência a se desvelar, de sua escritura a se fazer, justificando a idéia de uma busca às avessas. Assim, as últimas páginas do último volume encaixam-se perfeitamente com as primeiras páginas do primeiro, fazendo de toda a obra uma espécie de tecido sem fim. A sucessão de episódios é reunida por laços afetivos mais do que lógicos. O tempo reencontrado é o tempo virtual em que o romance acontece, com sua forte ressonância no tempo atual, da narração em pleno processo de produção.

O primado da irrupção repentina da memória involuntária, afetiva, composta por estilhaços privilegiados de um passado sempre vivo, na sempiternidade do instante, em contraposição aos fragmentos sonâmbulos restaurados sob a batuta da memória voluntária, na *Recherche*, permite-nos compreender, finalmente, que uma madeleine é uma madeleine é uma madeleine é uma madeleine...

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BARRETO, Marcio. "Bergson et la Physique" in *Colloque International Bergson et la science*. Campinas: Universidade de Campinas. Cópia mimeo.
- [2] BERGSON, Henri. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: PUF, 1976.
- [3] \_\_\_\_\_. *Matéria e Memória (Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito)*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- [4] BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, 1959. "Collection Idées".
- [5] DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- [6] EINSTEIN, Albert. A. *A Teoria da Relatividade Especial e Geral*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- [7] \_\_\_\_\_. *La géométrie et l'expérience. Discours prononcé à l'Académie de Sciences de Berlin*, 1921.

- [8] EINSTEIN, A. & INFELD, L. *A evolução da física*. São Paulo: Nacional, 1946.
- [9] GREENE, Brian. *O tecido do cosmo. O espaço, o tempo e a textura da realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- [10] GUIMARÃES, Maluh. "A conversão do tempo perdido no tempo redescoberto". *Revista da FAGED*. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. nº 5, p.153-182. 2001.
- [11] HEIDEGGER, Martin. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1978.
- LECERF, Eric; BORBA, Siomara & KOHAN, Walter (org.). *Imagens da imanência. Escritos em memória de H. Bergson*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- [12] MALIN, S. *A natureza ama esconder-se*. São Paulo: Horus editora, 2003.
- [13] MEGAY, Joyce N. *Bergson et Proust. Essai de mise au point de la question de l'influence de Bergson sur Proust*. Paris: J. Vrin, 1976.
- [14] POULET, Georges. *L'Espace proustien*. Paris: Gallimard, 1963.
- [15] PROUST, Marcel. *À la Recherche du Temps perdu*. Paris: Gallimard, 1954, 3 vols., Bibliothèque de la Pléiade".
- [16] \_\_\_\_\_. *No caminho de Swann* (tradução de Mário Quintana). Rio de Janeiro: Editora Globo, 1948.
- [17] \_\_\_\_\_. *O Tempo redescoberto* (tradução de Lúcia Miguel Pereira). Rio de Janeiro: Editora Globo, 8. ed., s/d.

---

## **Autora**

<sup>1</sup> **Deise QUINTILIANO PEREIRA. Profa. Dra.**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Letras / Departamento de Letras Neolatinas

[deisequintiliano@uol.com.br](mailto:deisequintiliano@uol.com.br)